

Michael Flitner

Um engradado de cerveja por um metro quadrado de floresta tropical.

Observações a respeito de um amor muito especial dos alemães.

Salvem a floresta tropical! Bebam mais cerveja! Com este apelo duplo, uma marca de cerveja na Alemanha conseguiu lançar, nas suas próprias palavras, “a mais bem-sucedida campanha publicitária de toda a sua história”. O famoso apresentador de TV Günther Jauch prometia que, a cada engradado de cerveja dessa marca que fosse vendido, seria protegido um metro quadrado de floresta tropical.

As organizações de proteção ao consumidor protestaram em vão em várias instâncias judiciais contra essa dúvida promessa de salvação. No fim, será que foi o simples bom senso que fez o supremo tribunal permitir essa publicidade? Ou será que essa fantasia era demasiado bonita, demasiado forte a imagem na qual a pureza garantida da cerveja alemã casava com a frágil virgindade da mata exótica? Ou, finalmente: será que os protetores do consumidor teriam envidado os mesmos esforços, caso a marca de cerveja tivesse prometido a proteção de ecossistemas alemães?

A floresta alemã e sua antítese

Há muito tempo que os alemães têm fama de nutrir um amor especial não apenas pela cerveja, mas também pela natureza. Sobretudo a lendária “floresta alemã” foi muito louvada em prosa e verso. Esta floresta alemã tem uma dimensão mais histórica do que geográfica, uma “qualidade de sentimentos”, como escreve o estudioso da cultura

Hermann Bausinger. Tanto a proximidade quanto o amor pela ordem, tanto um relacionamento romântico com a natureza quanto a consciência ecológica encontram abrigo nessas imagens tão difundidas. Um programa de contrastes com a frieza da modernidade, que lembra apenas tenuamente os horrores da mata virgem.

Toda reflexão sobre a essência deste programa histórico defrontar-se-á logo com a exaltação ideológica da floresta como sede do “caráter nacional germânico”, que atingiu seu apogeu no fascismo nazista. Elias Canetti escreveu a este respeito este trecho famoso:

“O símbolo das massas era para os alemães o exército. Mas o exército era mais do que exército: era o bosque em marcha. Em nenhum outro país moderno do mundo todo o sentimento da floresta permaneceu tão vivo quanto na Alemanha. A rigidez e o paralelismo das árvores que se elevam verticalmente, a sua densidade e quantidade preenchem o coração do alemão com uma alegria profunda e misteriosa” (1960).

O que para os ingleses é o mar e para os franceses a revolução, seriam para os alemães “as muitas árvores da mesma espécie umas junto às outras”, cujas cascas iguais se transmudam na mente em “uniformes de um batalhão do exército”. Deixando de lado a questão a respeito de quais noções se abrem diante de uma tão abrangente geografia das mentalidades, vale a pena acompanhar por mais algum tempo os

pensamentos de Canetti. Porque ele imediatamente desenha uma imagem contrária a este bosque militar dos alemães, num trecho que até agora foi pouco levado em consideração:

“[A] limpeza e a delimitação [das árvores], a ênfase na verticalidade, diferenciam esta floresta da floresta tropical, onde epífitas de toda espécie se emaranham, crescendo em todas as direções. Na floresta tropical o olho se perde na proximidade; ela é uma massa caótica e desorganizada, cheia de vida no mais variegado dos modos, que exclui qualquer sensação de regras e de repetição uniforme”.

A floresta tropical é aqui, portanto, a antítese expressa da floresta alemã: o caos em lugar da posição de sentido, uma mixórdia de cores em lugar do verde uniforme, a biodiversidade em lugar da monocultura. E Canetti certamente não está sozinho neste modo de ver: intuitivamente a floresta tropical é o contrário, o “outro bosque”, diante da floresta alemã bem-arrumada. Uma “floresta tropical alemã” parece, portanto, ser uma contradição, a ser entendida, na melhor das hipóteses, como uma relíquia colonial.

Contudo, há muitos indícios de que esta antítese pode não funcionar mais hoje do mesmo modo como funcionava na década de 40 do século passado, que Canetti tinha em vista com os seus pensamentos. Por um lado, o bosque soldadesco, tal como os nazistas o celebravam, praticamente não mais cor-

responde aos sentimentos estéticos da maioria das pessoas na Alemanha de hoje, assim como também não corresponde ao ideal de uma engenharia florestal contemporânea. Por outro lado, na Alemanha de hoje a floresta tropical é merecedora de um grau pelo menos igual de devoção, e não apenas por alguns profetas verdes, mas por amplas camadas da opinião pública e por seus representantes políticos. Não há praticamente nenhum outro país desenvolvido em que se despenda tanto dinheiro *per capita* provindo de impostos ou de doações em prol da floresta tropical e das suas reenciências quanto na Alemanha. E não se trata apenas de dinheiro: ativistas das florestas tropicais falam em escolas e salões municipais de todo o país sobre os Dayak e os Ibanomâmi; livros infantis e romances para adolescentes dedicam-se ao tema em tom didático; as Igrejas lamentam em uníssono com os sindicatos a “devastação das florestas tropicais”. A floresta tropical parece ter-se tornado na Alemanha uma instituição de direito público e é evidentemente objeto de um interesse em nada menor do que cabe à floresta alemã.

Universos transbordantes de representações

De certa forma, a floresta tropical ocupa hoje na Alemanha o lugar que cabia à floresta alemã nos tempos dos irmãos Grimm: as imagens e os mitos que a envolvem estão ricamente desenvolvidos, mas, no espaço cultural da língua alemã, parecem mais ser objeto de coleta e de multiplicação do que de obser-

vação crítica. Sendo que a floresta tropical convida à reflexão sobre a imagem de natureza e as práticas de sua representação. Ela exerce hoje um papel nos mais diferentes campos e gêneros culturais, na literatura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, na publicidade, nos livros escolares e nos programas políticos. Nos universos de representações conectados com este complexo florestal adensam-se cenários do bem e do mal, histórias de pureza e de poluição, imagens de um passado primitivo remoto e de um presente virtual. Isto é válido não apenas para a Alemanha. A abrangência desse universo de representações vai desde a imagem de um habitante indígena da floresta tropical, usada nas estações ferroviárias da Alemanha para fazer a propaganda de uma loção “natural”, até a campanha de uma grande organização ecológica para coletar cinco mil “poemas infantis pela proteção do tigre de Sumatra”, desde os mencionados engradados de cerveja até o boato que retorna a cada década de que alguns chefões nazistas desaparecidos estariam vivendo escondidos nas profundezas de alguma floresta tropical.

Será que nestes universos transbordantes de representações existe algum denominador comum de conteúdos, algum código cultural, alguma tradição narrativa que possa ser investigada – ou a floresta tropical é simplesmente algo que permite qualquer leitura aleatória? Em todo caso, enquanto difuso pólo oposto a tudo que é moderno e estruturado, a natureza tropical parece ser apropriada, como um todo, para simbolizar muitas coisas diferentes e para fazer jus a muitas destinações contraditórias. Há nela, ao que tudo indica, grandes “florestas de símbolos” (Charles Baudelaire), que podem ser abrigadas mesmo na publicidade de uma marca de cerveja. Nessa situação podem surgir misturas explosivas, sobretudo se estes símbolos são misturados com a crença numa boa causa, que se crê fortemente enraizada nas condições da natureza. Falar da floresta tropical “auténtica” via de regra também significa querer salvá-la. Salvá-la como pulmão verde, como reservatório de genes para o futuro, como base para um creme para a pele ou como valor em si. E seja lá de quem for: do McDonald's, do governo brasileiro, do Banco Mundial, da bomba populacional, da mudança climática, dos brancos, dos vermelhos – dos alemães?

O amor por uma natureza longínqua

Quando se trata dos trópicos, portanto, mundos sobrecarregados de símbolos e universos de representações permeados de moralismo se defrontam. Se tentarmos explicar por que em determinado momento muitas pessoas na Alemanha chegam a despender parte de seus recursos ou de sua energia para “salvar” uma estrutura longínqua e biogeograficamente delimitada que a maioria delas não conhece por experiência própria, é possível chegar a duas suposições:

A primeira é a de que, nos debates sociais em geral e, em

especial, nos debates sobre questões do meio ambiente apresentados pela mídia, só determinadas imagens e narrativas “pegam”, e que sua força de imposição depende em alto grau, por sua vez, do repertório e da ancoragem de imagens preexistentes e de representações compartilhadas coletivamente. Neste contexto, seria possível olhar para bem longe no passado alemão, até a lendária viagem de Alexander von Humboldt para a América Latina, que teve um eco incrível e foi tema de conversação durante décadas nos salões europeus de Paris até Weimar. Humboldt influenciou diretamente e indiretamente também a pintura paisagística europeia do século XIX, através do incentivo dado a determinados pintores e mediante conselhos e encomendas concretas. Através das novas “mídias”, as estufas, a fotografia e finalmente o papel pintado figurativo, multiplicaram-se e trivializaram-se depois as representações dos trópicos de forma antes nunca vista – e elas constituem sem dúvida um acervo de imagens válido até hoje.

A segunda suposição, dando continuidade aos pensamentos de Canetti, é a de que os alemães encontraram na floresta tropical, na segunda metade do século XX, um espaço grato para um internacionalismo quase pré-moderno, um lugar longínquo de amor inocente pela criatura, talvez um “espaço sem povo”, que, no sentido político, não seria nem Oriente nem Ocidente, quase sem turvações coloniais ou guerreiras.

Figuras populares luminosas, como a do teólogo Albert Schweitzer ou a do documentarista e astro de TV Bernhard Grzimek, provieram desse “espaço impoluto” e levaram as suas mensagens às salas de estar alemãs das décadas de 50 e 60 do século passado; atualizaram aquilo que já fora pré-desenhado em parte pelas narrativas de Humboldt. E não é difícil desenvolver os pensamentos de Schweitzer e de Grzimek até chegar aos movimentos ecológicos das décadas posteriores.

Acompanhar essas pegadas não significa naturalmente afirmar a existência de continuidades nem descobrir conjurações neocolonialistas. É mais apropriado ver nestas transformações, catalisadas por estes pensadores e por estes movimentos, uma evolução notável que transformou a admiração por uma floresta alemã militarmente disciplinada num amor por uma natureza longínqua, ou, pelo menos, numa doação em prol de uma floresta frágil e ecológica.

■

Tradução do alemão: George Bernard Sperber



Bosque alemão
Foto: Möbus Dieter /chromorange
© picture-alliance



Thomas Struth
“Paradies 32”
Peru, 2005
C-print, 136 x 163 cm
© Goethe Institut

Esta fotografia de Thomas Struth (1954), que vive e trabalha em Düsseldorf, faz parte da exposição “Os Trópicos”. O curador, Alfons Hug, explica a intenção da mostra em seu artigo às páginas 61-63.